

Artigo publicado na Revista Carta Fundamental na edição abril de 2009

Formar leitores competentes é uma das funções inalienáveis da escola na contemporaneidade e implica em favorecer a progressiva autonomia dos estudantes frente a diferentes propósitos de leitura, no trato com diferentes gêneros textuais, o que, por sua vez, concretiza-se no desenvolvimento de um conjunto cada vez mais amplo e complexo de comportamentos leitores.

Diferente disso, O Boletim INAF (2007), ao realizar um balanço dos cinco anos de trabalho com Indicadores Nacionais de Alfabetismo, publica que, concernente à avaliação de leitura e de escrita, “em letramento a ‘nota’ (escore) média para a região sul fica 4 (quatro) pontos acima da média nacional e 1 (um) ponto acima da região sudeste. Já, no extremo oposto, a Região Nordeste fica quase 6 (seis) pontos abaixo da média nacional, 1 (um) ponto abaixo da Região Norte/Centro-Oeste”.

Neste âmbito, torna-se premente destacar que a maioria das escolas do Nordeste brasileiro e do Estado da Bahia, especificamente, está localizada na zona rural, como mostram os estudos de Santos (2002), o que remete para uma nova feição da questão: as escolas da zona rural são as que respondem pelos índices mais elevados de analfabetismo no Brasil².

É nesse cenário geográfico, pedagógico e político de escolas, em sua maioria rurais que o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa – ICEP tem atuado na última década com programas de formação de professores alfabetizadores, na Região da Chapada Diamantina, na Bahia. Em 2007, o ICEP ampliou as suas ações para atender as especificidades da formação de leitores e escritores nas escolas de 5ª à 8ª série, em parceria com vinte e cinco Secretarias Municipais de Educação - América Dourada, Andaraí, Boa Vista do Tupim, Boninal, Bonito, Cafarnaum, Iaçu, Ibitiara, Irará, Iraquara, Itaberaba, Itaetê, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Novo Horizonte, Ouriçangas, Palmeiras, Piatã, Piritiba, Seabra, Souto Soares, Tapiramutá, Utinga, Wagner - está realizando nas escolas públicas dessa rede regional o Programa de Formação continuada de Coordenadores pedagógicos de 5ª a 8ª série. Um dos principais objetivos do programa no ano de 2008 foi implantar os diagnósticos de

¹ Neurilene Martins Ribeiro é Mestre em Educação no Mestrado de Educação e Contemporaneidade, é Pedagoga e formadora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, atuando na última década na formação continuada de educadores de redes públicas municipais da Região da Chapada Diamantina, na Bahia.

² Segundo os estudos de Marinho e Barbosa (2007), que tomam dados do Censo Demográfico do ano 2000, na população brasileira de 15 anos ou mais enquanto a taxa de analfabetismo na zona urbana é 10,3%, na zona rural essa taxa sobe para 29,8 %.

leitura nas classes de 5^a à 8^a série e envolver os professores de todas as áreas na tarefa de formar leitores³. Esse texto, intenta compartilhar essa experiência, suas trilhas e etapas.

Assumimos como pressuposto que a leitura nas séries finais do ensino fundamental deve ser inserida como um dos importantes eixos do currículo escolar, uma vez que é nessa fase da escolaridade que os alunos são desafiados sobremaneira a desenvolver comportamentos em contextos de estudo, a ler textos cartográficos, imagéticos, gráficos, tabelas; ler textos jornalísticos para buscar informações, para debater, posicionar-se. Tais competências figuram como desafios crescentes e complexos para o estudante iniciante.

Mas quem assume essa responsabilidade no cotidiano da escola? Nessa direção, a proposição dos diagnósticos foi feita nas escolas a partir de duas problematizações, citadas a seguir: por que os estudantes concluem a 8^a série e não sabem ler com autonomia? De quem é o compromisso de formar leitores e escritores no segmento de 5^a à 8^a série?

O diagnóstico de Leitura: avaliar os estudantes e formar os professores

O diagnóstico consiste em uma prova de leitura com texto informativo, composta por três questões abertas dentro de três domínios de leitura – localizar informação no texto, inferir uma informação implícita e uma última no âmbito da reflexão. Os estudantes respondem a prova individualmente em dois momentos, no primeiro sem ajuda; no segundo após a mediação didática coletiva do professor. Assim é possível avaliar o desempenho dos alunos antes e depois da mediação docente.

Além de acompanhar as aprendizagens dos estudantes, o diagnóstico intenta constituir-se em um dispositivo de formação de Professores. Nessa direção, delega aos professores as tarefas de elaborar o instrumento, aplicá-lo e se co-responsabilizar pelas etapas de tabulação de resultados e análise de dados. Posteriormente a equipe de cada escola elabora um plano de ação pedagógica para favorecer que todos os estudantes aprendam.

Para tanto, ao longo de 2008, realizamos a formação continuada de cerca de cento e trinta coordenadores pedagógicos que atuam nas escolas de 5^a à 8^a série das vinte e cinco cidades parceiras do programa, em encontros mensais de dezesseis horas, de março a dezembro de 2008. Distribuídos em quatro cidades-sede, Seabra, Morro do Chapéu, Itaberaba e Ouriçangas / Irerá, essa formação foi realizada pelas educadoras Maria Aparecida Silveira e por Maria Laura Petitinga, sob a nossa supervisão e direção de Cybele Amado.

³ Importantes debates sobre essa temática no âmbito da discussão da leitura e da escrita como responsabilidade de todas as áreas do currículo da escola de 5^a à 8^a série podem ser encontradas na obra de Neves (1999).

Vamos às trilhas!

Primeira etapa

Em cada município, realização de um diagnóstico piloto em uma classe, com a participação de todos os professores de 5^a à 8^a série, para que os educadores pudessem se apropriar e ajustar a proposta, além de construir conhecimento didático iniciais da leitura.

Nessa etapa, os coordenadores pedagógicos realizaram com os professores encontros de formação com as seguintes pautas:

- problematização em torno da concepção de leitura apresentada pelo grupo, e das competências que os alunos precisam desenvolver para tornarem-se leitores proficientes; estudo de textos pertinentes à temática.
- elaboração nas escolas da prova de leitura a ser aplicada na classe piloto, que se desdobrou nas seguintes fases – seleção do texto a ser usado na prova, elaboração das questões a serem respondidas pelos estudantes e posteriormente da matriz de correção.

- planejamento da mediação a ser realizada pelo professor na segunda parte do diagnóstico.

- definição da classe piloto e da equipe de professores responsável pela aplicação da prova, pela observação do trabalho com registro videográfico, bem como pela correção das provas e tabulação dos resultados.

Algumas reflexões: a principal aprendizagem dessa etapa foi a significação inicial por parte dos professores do diagnóstico como estratégia de acompanhamento das aprendizagens dos alunos, e que este acompanhamento deve ser responsabilidade de toda a equipe docente, bem como a ampliação de conhecimentos sobre a leitura como conteúdo de ensino.

Segunda etapa

Encontro com os professores das unidades escolares para apresentação, discussão e análise dos resultados dos alunos: quais os índices de acerto em cada questão? O que os alunos parecem saber mais, tendo em vista os domínios de leitura avaliados? O que mudou no padrão das respostas após a intervenção do professor?

- Estudo para aprofundamento do conhecimento do grupo sobre domínios de leitura e sobre mediação didática⁴ tendo em vista a revisão e ajuste da prova bem como dos procedimentos gerais do diagnóstico.

Algumas reflexões: a principal aprendizagem dessa etapa foi a percepção mais objetiva sobre as aprendizagens dos alunos – o que sabem e não sabem os alunos quando lêem - e a visibilidade acerca da complexidade do ato de ler e de ensinar a ler.

Terceira etapa

- aplicação do diagnóstico em todas as escolas da rede municipal, sob a gestão da equipe de professores de todas as áreas e dos coordenadores pedagógicos das unidades escolares.

- Análise dos resultados do diagnóstico antes da mediação do professor e depois.

- Elaboração de um plano de apoio pedagógico, com metas e ações para ensinar os estudantes a ler.

Algumas reflexões:

Essa etapa permitiu ver as diferentes feições e perfis municipais na gestão de um dispositivo abrangente e complexo, do ponto de vista da quantidade de escolas, professores e alunos envolvidos, bem como das demandas de implantação/fortalecimento do trabalho coletivo na escola, para além das áreas de conhecimento, e de apropriação teórico-metodológica, no âmbito da didática da leitura. Assim, na rede 'furta-cor', os municípios foram apropriando-se de modos desiguais e contextualizados do dispositivo proposto: aplicação em todas as escolas da rede municipal, aplicação em escolas por amostragem; envolvimento total de toda a equipe docente, envolvimento parcial.

Do ponto de vista da formação de professores esse dispositivo inaugurou na escola e na rede municipal a necessidade de superação da organização da escola pautada pela disciplina, herança secular da escola de 5ª a 8ª série, que cotidianamente naturaliza a idéia de uma escola estandardizada e fragmentada em suas áreas de conhecimento. Nesse caso, os educadores tinham um problema comum a resolver e, em diferentes medidas, foram convocados a se co-responsabilizar pela aprendizagem dos alunos na compreensão de que ler e escrever são ferramentas para a apropriação dos conhecimentos curriculares de todas as áreas de conhecimento.

Incluir a segunda etapa do diagnóstico, com a mediação didática do professor colocou foco na complexidade das práticas de ensino, como bem indicou o depoimento de uma professora de

⁴ Para essa fase de estudo utilizamos os autores Ângela Kleiman, Delia Lerner, Antônio Marcuschi, e os seguintes documentos: Parâmetros Curriculares Nacionais das diferentes áreas e os Referenciais de Expectativas de Leitura publicados pela Secretaria Municipal de São Paulo.

matemática de um dos municípios ao afirmar que “ensinar a ler é muito diferente do que eu fazia”. Assim, o dispositivo deixou ver as lacunas existentes nas aulas nas quais o ensino da leitura quase sempre passa ao largo e é visto como assunto dos professores de Língua Portuguesa.

No que se refere às aprendizagens dos alunos, o diagnóstico indicou que as questões com maior nível de dificuldade para os alunos são aquelas de natureza inferencial, cuja resposta implica que o leitor possa ler nas entrelinhas, portanto devendo estabelecer relações substantivas entre o texto, o contexto e seu conhecimento de mundo para inferir sentidos não explicitados, bem como as questões que envolvem o campo da reflexão para além do texto.

Esse resultado dialoga com as pesquisas do professor Marchuschi (2003) ao realizar um estudo em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e concluir que apenas 10% das questões de leitura apresentadas nos livros estão no âmbito da leitura compreensiva, ou seja, aquela que direcionam os alunos para a compreensão global do texto, para além do “cite, liste, copie, grife, identifique”; consignas que remetem os estudantes para a localização de informações no texto.

Os educadores se surpreenderam muitas vezes com o desempenho dos alunos diante de questões que consideravam fáceis, mas que os resultados mostravam um índice de acerto pequeno. Diante disso o que fazer? Como encaminhar nas escolas planos de apoio pedagógico para melhorar a condição leitora dos alunos? Esse é o principal desafio dos educadores da rede regional da Chapada Diamantina agora em 2009. As iniciativas em 2008, ainda que iniciais, passaram pelas ações de formação que visaram ajudar os professores a planejarem as suas aulas de leitura, focalizando a mediação didática antes, durante e depois da leitura dos gêneros textuais que circulam nas aulas das diferentes áreas de conhecimento. Deixar os alunos sozinhos para enfrentar os textos parece ser o principal problema a ser enfrentados pelo conjunto dos professores do segmento de 5ª à 8ª série.

Mas será preciso produzir conhecimento didático da leitura em cada área para que de fato os professores possam realizar uma mediação que favoreça que os alunos aprendam por meio da leitura dos diferentes gêneros textuais que circulam nas diferentes esferas – escolar, cotidiana, jornalística. Assim ensinar os alunos a ler não implica em escolher gêneros de modo aleatório e casual para trabalhar na sala de aula, mas, sobretudo, subordinar essas escolhas aos objetivos de leitura, que por sua vez serão presididos pelos conteúdos curriculares de cada área – Ciências, História, Geografia, Matemática, Inglês, Educação Física, Artes e Língua Portuguesa.

Mas será preciso lembrar que a formação de leitores na escola não pode prescindir da garantia de condições institucionais e políticas: melhorar a distribuição de livros didáticos para que de fato cheguem à mão de todos os alunos das escolas rurais, implantar bibliotecas escolares e municipais com acervos qualificados e em quantidade suficiente para atender ao público de estudantes, garantir a

circulação de outros portadores textuais nas salas de aulas para além do livro didático, a exemplo de jornais e outros periódicos nacionais e regionais e finalmente assumir a bandeira da valorização profissional do professor de sua carreira.

Iniciativas dessa natureza são essenciais para que os alunos sigam aprendendo a ler nas escolas, afinal não basta diagnosticar, avaliar. Toda política de avaliação deveria estar atrelada a uma outra de adesão radical à utopia de uma escola de qualidade para todos. E sem democratização do conhecimento na escola, não há de fato escola para todos.

Referências Bibliográficas

BRASIL MEC/SEF. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua Portuguesa**, Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC sef. 1998.

BRASIL INAF/Boletim. Fevereiro/março de 2007. http://download/bol_inaf_2007_03.pdf. Acesso em 30/01/2007.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e Leitor**. Campinas: Pontes e Editora da UNICAMP, 1989.
_____. **Oficina de Leitura**. Campinas: Pontes e Editora da UNICAMP, 1993.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na Escola**: o real, o possível e o necessário. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P. e BEZERRA, M.A. (Orgs) **O livro de Português múltiplos olhares**. 2 ed. – Rio de Janeiro : Lucerna, 2003. p. 48-61

NEVES, Conceição Bitencourt (org). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PROJETO CHAPADA. **Plano de formação de coordenadores pedagógicos de 5ª a 8ª série** – 2008.

SANTOS, Stela Rodrigues. **A história do (in) visível no currículo no cotidiano de professores da roça**, 2002. www.anped.org.br.

SME / SP. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental** / São Paulo: SME/DOT 2006.